

# BELISÁRIA

## I

Conheci uma fidalgoa que era um fantasma, uma cópia de Canídia, bruxa de Horácio<sup>1</sup> - disse o padre José Agostinho de Macedo - com dois olhos, que eram ermitões velhos, cada um em sua cela, bem retirados do mundo; um nariz que parecia uma pirâmide inclinada, como frade em *gloria patri*<sup>2</sup>; uma boca em guerra civil com ambas as orelhas, ameaçando-as, pela proximidade, de uma dentada em cada uma; com duas mãos que pareciam rosetas de esporas antigas.

Era assim Belisária, com uma ligeira diferença, apenas: como todas as infelizes, que ensangentam com os pés descalços as areias ásperas dos cabedelos<sup>3</sup> da vida, Belisária não inflava, como a abantesma<sup>4</sup> do frade turbulento, soberbias de fidalgoa; verme, arrastava obscuramente a miserável existência dos deserdados e, semelhante aos cães sem dono, alimentava-se das migalhas esquecidas ao opulento e de pontapés intercalados de injúrias.

Quem era Belisária? Onde, quando e de quem nascera? Como ninguém se dá ao trabalho de investigar a genealogia dos infusórios<sup>5</sup> microscópicos e inúteis, ninguém poderia dizê-lo. A descendência anónima das tristes ervas e das águas correntes, tão celebrada na trova popular, é numerosa.

Era mulher feita pelo tempo dos franceses - asseveravam pessoas, que vagamente se recordavam de a ter visto nas serras, esmolando à porta das catraias<sup>6</sup>, devorando os sobejos que generosamente lhe atiravam ao regaço as famílias refugiadas no monte. Mas tal lembrança não passava de uma recordação vaga, incerta e longínqua.

Provavelmente não conhecera pai nem mãe e logo ao nascer foi abandonada como um trambolho à beira de alguma estrada deserta. Depois, foi arrastada para

---

<sup>1</sup> Horácio - Em suas sátiras, Quinto Horácio Flaco (65 a.C. - 8 a.C.), filósofo, poeta lírico e satírico romano, conhecido por ser um dos maiores poetas da Roma Antiga, descreve a personagem Canídia deambulando pelos cemitérios em busca de restos mortais para utilizar nos seus rituais mágicos.

<sup>2</sup> Gloria patri - Glória ao Pai (oração da liturgia católica).

<sup>3</sup> Cabedelo - Faixa de areia na foz de um rio.

<sup>4</sup> Abantesma - Aventesma; fantasma; pessoa ou objecto que assusta por ser muito grande ou disforme.

<sup>5</sup> Infusórios - Animais ínfimos da escala zoológica.

<sup>6</sup> Catraias - Tabernas; baiúcas.

junto da porta das igrejas, onde estendeu a mão à caridade dos fiéis, dormiu sob as árvores ao relento e à chuva, abrigou-se dos vendavais na toca dos velhos troncos ou na cabana dos pastores, teve por cama a terra húmida e por lençol a neve dos invernos, vestiu-se de farrapos abandonados ao enxurdeiro<sup>7</sup>, comeu o pão duro dos almocreves sob o telheiro das albergarias e padeceu, enfim, todos os transe da vida nómada, desde a investida das feras nos pinheirais sombrios até ao assalto dos homens nos atalhos desertos.

Deveria ter sido bem lúgubre a odisseia das suas aventuras, a julgar pelos vestígios da desgraça que lhe andavam estampados na face. Tudo morrera nela, juventude, beleza, alegria, tudo.

Nos olhos, ermitões velhos, cada um em sua cela, bem retirados do mundo - nenhum lume de contentamento fugaz; nos lábios, onde arrefecera o riso dos anos alegres, a gelidez dos mártires obscuros; a pele, engelhada, baça e descolorida; os cabelos, raros, espigados, ásperos como espigas de linho; e no sítio da boca descaída e atormentada, uma sombra apenas, uma sombra negra.

## II

Foi neste miserável estado que a velha Belisária chegou à aldeia, onde veio a morrer, abordada à sua muleta nodosa, trôpega, quase nua, por uma noite de Inverno. Os cães vinham atrás dela arremetendo descaravelmente<sup>8</sup> e a chuva caía do céu a cântaros.

Viera de terra em terra, de porta em porta, esmolando e mascando preces, e, quando naquela terra procurava um vão de escada, o vento assobiava irado, as bâtegas de água sacudiam as árvores e os telhados, as ruas eram lamacentas e escuras, nenhuma luz através dos vidros e a aldeia dormia.

Mas os cães denunciaram-na e um pobre camponês, que se abrigava da chuva sob a verga de um portal, reparando naquela infeliz, que se debatia em luta desigual contra a matilha minaz, salvou-a do transe e, condoidamente, arrastou-a generoso para um velho pardieiro, onde algumas paveias de palha lhe serviram de leito naquela noite.

- Deus lho pague - murmurou Belisária, deixando cair nas mãos calosas do seu benfeitor, uma lágrima de gratidão.

---

<sup>7</sup> Enxurdeiro - Chiqueiro, pocilga.

<sup>8</sup> Descaravelmente - Rudemente; sem dó nem piedade.

Desde essa noite nunca mais a forasteira saiu a peregrinar. Já não tinha pernas para longas caminhadas, nem coragem para prosseguir a antiga vida ambulante. De dia, esmolava, gemendo a sua lástima e rezando no seu rosário; mas, ao cair da noite, recolhia ao covil, trancava a porta, acendia o lume sobre uma laje, ao canto do pardieiro em ruínas e, antes de se aninhar na palha fofa, pegava das contas e rezava. Mas rezava de um modo singular, como todos os desdentados - papeando os padre-nossos. A voz monótona, arrastada, de uma só nota, prolongava-se no antro, como um sussurro de colmeia; semelhava um diálogo, em voz baixa, travado entre pessoas discretas. Era uma ilusão completa, e foi esta ilusão, que a perdeu.

Principiou de correr na povoação que Belisária, por altas horas da noite, quando a aldeia jazia silenciosa e dormente, concedia entrevistas a um extraordinário personagem que ninguém pudera lobrigar, mas que todos sabiam maléfico. Era, fora de dúvida, que o hóspede de Belisária tinha a particularidade de entrar no palheiro, sem que pudesse ser visto. Mas por onde? Talvez pelas frinchas do telhado, talvez pelo buraco da fechadura. Evidentemente era o mafarrico e, por consequência, a velhota não passava de uma desavergonhada bruxa...

Houve quem os ouvisse dizer mal dos padres e da religião, e quem, ao romper da alva, notasse que pelo buraco da fechadura saía um vaporzinho azulado e ténue que tresandava a enxofre. Esta revelação aclarou o escuro caso e desde que a lógica popular se apoderou do facto, a situação da forasteira estava definida. Belisária foi oficialmente averbada de feiticeira. Já não havia que duvidar. Incrível parecia agora que os papalvos não tivessem reconhecido, há mais tempo, uma coisa tão evidente. Entretanto, factos bem visíveis acabaram de enganar algum incrédulo mais contumaz.

A troco de pequenas gratificações, Belisária fazia curas miraculosas, desde a espinhela caída até ao desfalecimento de alma, nenhuma doença, por mais rebelde ou entranhada, resistia à acção poderosa da sua medicina. Com duas palavras mágicas e uma solução de qualquer droga, curava as mulheres anémicas de fundas olheiras roxas, desfazia a ténia que devora os intestinos, punha fora do corpo as sezões rebeldes à quina<sup>9</sup>, atalhava canseiras e azias, neutralizava quebrantos e maus olhados, e extirpava com igual facilidade os vermes das crianças e os tumores dos adultos.

Mas a proficiência da curandeira não ficava por aqui; sabia rezas para achar o perdido, predizia o futuro escabroso e lia as sinas com tal desembaraço e

---

<sup>9</sup> Quina - Quinino.

prontidão que mataria de inveja todas as ciganas da Boémia e a própria pitonisa do Endor<sup>10</sup>.

E tudo isto ela operava quase de graça, generosíssimamente, mediante o escasso dispêndio das ervas medicinais que fornecia a sua farmacopeia barata, sim, mas abundantíssima de raízes de plantas desconhecidas, folhas de papoila, flores de giesta e de rosmano, pernadas de alecrim e de losna<sup>11</sup>, que pejavam os buracos das paredes e cobriam prateleiras toscas, onde jaziam frascos de vários tamanhos e feitos com unguentos e líquidos pintalgados.

Como era de ver, a notícia de tantas virtudes e de tantas drogas correu mundo, e já principiava a dar nas vistas e a acender invejas a numerosa clientela que, das aldeias vizinhas, se aglomerava todos os dias à porta de Belisária a pedir saúde. Uns arrastavam-se a pé, ao longo das estradas, na ânsia de um remédio que os restituísse à vida e à saúde antiga; outros vinham a cavalo, cambaleando como ébrios, devorados de febre; outros enfim, eram trazidos em braços de parentes consternados que os depositavam à porta de Belisária, enfileirados, à espera de vez. Belisária não tinha mãos a medir e uma imprevista colheita de presentes e mimos principiava a cair-lhe do céu, finalmente compadecido.

Mas a fortuna, que sempre lhe fora adversa, seria agora de uma incoerência pasmosa, se tanta ventura houvesse de durar. E não durou, porquanto dois inimigos poderosos tramavam na sombra a ruína da curandeira - o mestre barbeiro e o Sr.Cura, dois nababos de ignorância e de inveja que juraram exterminar aquela formidável concorrente, que prejudicava as tisanas de um e os exorcismos do outro.

Pouco tempo depois, Belisária foi denunciada ao regedor; deu-se participação em juízo e, a pitonisa, a despeito dos clamores e protestos da multidão agradecida, e sem que lhe valessem as relações de amizade com o príncipe das trevas, foi arrastada ao cárcere, onde expiou com a máxima resignação o nefando crime de haver prejudicado duas indústrias protegidas por lei - a da lanceta<sup>12</sup> e a do hissope<sup>13</sup>.

Durante os dois meses de prisão, que foram longos e penosos, os créditos de Belisária desceram espantosamente, como era de prever. O barbeiro por um lado

---

<sup>10</sup> Pitonisa do Endor - Alusão à médium (adivinhadora) que existiu na cidade de En Dor, em Israel, a quem o rei Saúl recorreu por volta do ano 1060 a.C. para tentar um encontro com o profeta Samuel, já morto. As pitonisas eram as mulheres que serviam a Python (deus da magia e da adivinhação), como sacerdotisas.

<sup>11</sup> Losna - Absinto; planta aromática cujas folhas têm um sabor amargo.

<sup>12</sup> Lanceta - Instrumento para abrir tumores, sangrar, etc. - refere-se à indústria farmacêutica.

<sup>13</sup> Hissopo - Instrumento com que se asperge água benta. - refere-se à Igreja.

e o cura pelo outro deitaram abaixo o ídolo da véspera, descreditaram-lhe os elixires, de forma que ao sair da cadeia a desgraçada já não encontrou a clientela. Os frascos, apreendidos pela justiça, tinham desaparecido, e as ervas medicinais arderam num auto de fê. Deste modo a roubaram, destruindo-lhe o ganha-pão.

Velhos fregueses que a procuravam em certas luas para lhes erguer a espinhela, recorriam agora aos exorcismos do Sr.Cura, e quem padecia de maleitas e outros achaques, dirigia-se de preferência ao barbeiro, que logo se responsabilizava pela cura.

A nigromante<sup>14</sup> estava positivamente, irremediavelmente, perdida. Só lhe restava uma de duas: morrer ou emigrar.

### III

Para maior desgraça tinha cegado na cadeia e, agora, errava à toa e às apalpadelas pelas ruas. Os garotos atiravam-lhe pedradas e chamavam-na bruxa. Às vezes resvalava e caindo nas pedras ficava sem sentidos. Ninguém lhe estendia a mão, ninguém acudia a levantá-la, porque o seu contacto dava calafrios e punha sustos nos mais decididos.

Não admirava. Ela vingara-se da crudelíssima pena que sofrera, concitando<sup>15</sup> a cólera de Satanás sobre a população culpada. Morriam crianças às dúzias e o flagelo não respeitava sexo nem idade. Pessoa em quem ela pusesse o intento, era pessoa condenada. Vingança horrível.

Citavam-se factos conhecidos. Um latagão, valente como as armas e capaz de segurar um touro pelas hastes, foi um dia fixado por ela. Não foi preciso mais nada, o infeliz desandou dali a cambalear e a empalidecer, de forma que duas horas depois era cadáver!

Uma criancinha de peito, robusta e sadia, apareceu de manhã morta no berço, chupada e sem pinga de sangue. Foram ver e encontraram-lhe enterrado no sítio do coração uma palha da enxerga. Foi pelo tubozinho dessa palha que a maldita bebera o sangue do inocente!

Mais. Nas sextas-feiras, que são os dias em que o príncipe chavelhudo passa revista aos exércitos malditos, podiam bater à vontade na porta de Belisária, ainda

---

<sup>14</sup> Nigromante - Que adivinha por meio da evocação dos espíritos.

<sup>15</sup> Concitando - Instigando.

que fosse com um maço rodeiro<sup>16</sup> que a excomungada não ouvia. Como havia de ouvir, se a essas horas, por alta noite, ela andava por longas terras, transformada em borboleta, voando por cima de toda a folha em procura de almas para tentar, ou transpunha os mares tenebrosos até chegar ao país dos Indos, onde Lusbel<sup>17</sup> a esperava, de forçado em punho, sentado na sua poltrona de chamas rutilantes!

Nesses dias era vê-la derreada, como se a tivesse moído com um saco de areia, os olhos pisados, estampados na face em traços de fogo os vestígios dos cinco dedos de Belzebu<sup>18</sup>.

É por isso que o rapazio a corria à pedra<sup>19</sup> e ninguém acudia a levantá-la do chão, quando a muleta resvalava e a cega caía desamparada na rua.

## IV

Chegou, porém, um sábado frigidíssimo de Janeiro e Belisária não veio, como era seu antigo costume, sentar-se de manhã no portal, a receber a réstia do Sol.

De noite caíra uma extraordinária e densa camada de neve, os tectos, as ruas, os campos e as devesas<sup>20</sup> apareceram de manhã inteiramente cobertas de extensos lençóis de uma alvura deslumbrante. Das franças<sup>21</sup> das árvores desciam como pingentes facetados e translúcidos, magníficas estalactites de cristal, e um vento agudo, coado pelas serras geladas, penetrava dolorosamente nas carnes como fios de navalha de barba.

Era alto dia e a porta da nigromante ainda fechada. Este facto começava a impressionar. Os que passavam, casualmente, paravam comentando. Depois chegavam outros, inquirindo do sucedido. Ninguém sabia explicar. Entretanto a multidão crescia, fazendo cerco ao pardieiro. Que sucederia?

A curiosidade é implacável. Ouvem-se alvitres sediciosos<sup>22</sup>:  
- Trepem ao telhado.

---

<sup>16</sup> Maço rodeiro - Grande maço de madeira, muito pesado, que servia para bater e ajustar as rodas dos carros de tracção animal.

<sup>17</sup> Lusbel - Um dos vários nomes do Diabo (Satanás, Lúcifer, Belzebu).

<sup>18</sup> Belzebu - Título atribuído à entidade sobrenatural maligna da tradição judaico-cristã; Demónio, Diabo.

<sup>19</sup> Correr à pedra - Os rapazes atiravam-lhe pedras; afugentavam-na à pedrada.

<sup>20</sup> Devesas - Matas.

<sup>21</sup> Franças - Os ramos mais altos das árvores; fronde; copa.

<sup>22</sup> Alvitres sediciosos - Sugestões provocatórias.

- Arrombem a porta.

A este tempo chegava o Sr.Cura, altivo de ventre, inquirindo, dominando a plebe com o seu longo olhar protector. Depois de informado, conferenciou com o barbeiro, discretamente, e disse para um dos presentes:

- Vá, aquela porta quer-se dentro<sup>23</sup>.

Os circunstantes desviaram-se respeitosos e um valentão arremangado<sup>24</sup> e cabeludo dirigiu-se resolutamente para a porta fechada. Houve um minuto de silêncio. O latagão fincou os pés na calçada, arrimou o ombro à porta, soltou um arranco e disse:

- Lá vai!

O portal rangeu, estalou nos gonzos e foi cair dentro à distância. Novo silêncio. Ninguém se mexeu.

Então o Sr.Cura transpôs o umbral, seguido pelo mestre barbeiro, e ambos pararam ao mesmo tempo, fitando o que quer que fosse no chão.

Belisária jazia estarrecida a um canto, a boca escancarada, os olhos abertos, os andrajos revoltos e os dedos de ambas as mãos crispados na garganta, donde escorriam fios de sangue.

O barbeiro então, solenemente, deu dois passos, debruçou-se, ergueu à altura do peito um braço do cadáver e picou-o com a lanceta. Nem pinga de sangue. Fígaro<sup>25</sup> abanou a cabeça indiferente e, deixando cair o braço, limpou tranquilamente o ferro à manga da jaqueta. Depois, voltado para a multidão atónita, disse estas palavras sentenciosas:

- Esta já não torna a enfeitiçar ninguém.

E enquanto a plebe escandalizada comentava com chufas<sup>26</sup> aquela pouca vergonha da bruxa, que se deixara morrer sem confissão, o Sr.Cura pacificava os ânimos e, de olhos alçados, afiançava categoricamente que não deixaria enterrar em sagrado, o corpo daquela bécora...

---

<sup>23</sup> Quer-se dentro - Outra forma de dizer "deitem a porta a baixo"

<sup>24</sup> Arremangado - De mangas arregaçadas; decidido; disposto a esmurrar ou brigar.

<sup>25</sup> Fígaro - Alusão à personagem central da ópera de Rossini "O barbeiro de Sevilha", que conta a história de Fígaro, um barbeiro que faz tudo na sua terra, desde arranjar casamentos, ouvir confissões e espalhar boatos, sendo um verdadeiro prodígio de imaginação.

<sup>26</sup> Chufas - Zombarias; gracejos impertinentes.

E cumpriu a palavra. Ao cair da noite o corpo de Belisária foi conduzido, em meio de archotes, a um olival próximo, e aí ficou enterrado ao sopé de uma silveira<sup>27</sup>, como se fora o cadáver de um cão.

FIM

---

<sup>27</sup> Silveira - Mata de silvas.